

O valor e a saudade

As saudades mostram as coisas às quais não demos valor enquanto as vivíamos. O que a saudade mais diz é “Já viste? Eras feliz e não sabias”.



Miguel Esteves Cardoso

Se queremos tirar partido da vida é bom ouvir quem já viveu.

Há quem recolha o que dizem as pessoas que se aproximam da morte. Uma dos arrependimentos mais frequentes é ter feito mais aquilo que os outros queriam que se fizesse do que aquilo que se queria fazer.

Ou ter sido mais a pessoa que os outros queriam que fôssemos do que a pessoa que queríamos ser.

À beira da morte são poucos os que se arrependem de não terem trabalhado mais ou de ter passado tempo a mais com as pessoas de quem se gostava.

Também as saudades dos velhos servem de aviso. As viúvas e os viúvos dizem que têm saudades da companhia que faziam um ao outro, das conversas sobre tudo e nada, das pequenas coisas.

As saudades mostram as coisas às quais não demos valor enquanto as vivíamos. O que a saudade mais diz é “Já viste? Eras feliz e não sabias”.

As saudades doem por reconhecermos, só quando já é tarde, que não soubemos dar valor ao bem que tínhamos e estávamos.

Mais triste ainda, se pensarmos nisso, é que só somos capazes de ter saudades daquilo a que não demos o devido valor.

Por muito valor que tenhamos dado na altura, por muito felizes que achássemos que éramos, nunca conseguimos chegar aos calcanhares da falta que nos faz depois.

Se damos o devido valor vivemos intensamente, ficamos satisfeitos e esquecemo-nos. Se não damos, lembramo-nos até mais não e temos saudades.

É a inconsciência que faz a saudade. É a inconsciência que mostra a alegria. É o não saber o que estamos a fazer que traz depois o sabor agridoce e sábio da saudade.

<https://www.publico.pt/2020/11/03/opiniaio/noticia/valor-saudade-1937679>